

Laços, Fios e Redes dos Mapas Afetivos: ferramentas teórico-metodológicas em estudo migratório

Andréa Vettorassi¹

Resumo: O artigo ora apresentado é dividido em duas partes. Em um primeiro momento, é traçada uma digressão temporal para a reflexão, em perspectiva objetiva e subjetiva, sobre a História Oral e os mapas afetivos como ferramentas teórico-metodológicas capazes de múltiplas percepções de categorias sociológicas. Em um segundo momento, objetiva-se com as narrativas e mapas afetivos de brasileiros imigrantes entrevistados em Lisboa demonstrar *como* se revelam as lembranças dos entrevistados e de que forma elas são transportadas para o papel, especialmente no que tange à vivência da pandemia da COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, em outro país.

Palavras-chave: Mapas Afetivos. História Oral. Migração.

Ties, Threads and Nets of Affective Maps: theoretical-methodological tools in migration studies

Abstract: *The article presented here is divided into two parts: Firstly, it will make a temporal digression to reflect, from an objective and subjective perspective, on Oral History and affective maps as theoretical-methodological tools capable of multiple perceptions of sociological categories. In a second moment, with the*

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia – Brasil – avettorassi@ufg.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5615-4100>.

narratives and affective maps of Brazilian immigrants interviewed in Lisbon, the objective is to demonstrate how the interviewees' memories are revealed and how they are transferred to paper, especially with regard to the experience of the COVID-19 pandemic, in the years 2020 and 2021, in another country.

Keywords: Affective Maps. Oral History. Migration.

Vínculos, Hilos y Redes de Mapas Afectivos: herramientas teórico-metodológicas en los estudios sobre migraciones

Resumen: El artículo que aquí se presenta se divide en dos partes: En primer lugar, se realizará una digresión temporal para reflexionar, desde una perspectiva objetiva y subjetiva, sobre la Historia Oral y los mapas afectivos como herramientas teórico-metodológicas capaces de múltiples percepciones de categorías sociológicas. En un segundo momento, con las narrativas y mapas afectivos de inmigrantes brasileños entrevistados en Lisboa, el objetivo es demostrar cómo se revelan los recuerdos de los entrevistados y cómo se transfieren al papel, especialmente en lo que respecta a la experiencia de la pandemia de COVID-19, en los años 2020 y 2021, en otro país.

Palabras Clave: Mapas Afectivos. Historia Oral. Migración.

A História Oral no Ofício de Socióloga

O ano era 2003 e hoje, exercitando em minha própria trajetória o ofício da História Oral, suas memórias e entrelaçamentos simbólicos, avisto em minhas lembranças apenas uma menina de 21 anos. Mas, àquela altura, eu me enxergava muito mais dona de si e das próprias escolhas. Estava convencida, desde o primeiro ano de faculdade, de que seria uma professora e pesquisadora na área de Sociologia.

A iniciação científica me levou para os rumos dos estudos migratórios, até então em uma perspectiva histórica e documental da imigração europeia para o interior de São Paulo no final do Século 19. Mas como eu queria enxergar rostos naqueles documentos! Eu queria conhecer e ouvir histórias, encontrar lugares, percorrer travessias contemporâneas... Redes, laços e fios já atravessavam meus anseios acadêmicos. Foi quando o Prof. Dr. Oswaldo Truzzi, até então meu orientador de iniciação científica, indagou-me: conhece a Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva?

Eu não a conhecia. Era docente na UNESP de Araraquara. Ela havia recentemente se aposentado e, logo em seguida, entrado para o quadro de professores convidados do então Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFS-Car. Já ali estavam os traços da personalidade de Maria Moraes tão presentes em sua notabilidade acadêmica até hoje: incansável, dessas que não diferem o ofício da paixão, o sossego do trabalho. Demonstrou, assim que me conheceu, enorme interesse e disponibilidade em orientar aquelas minhas insipientes ideias, e me olhou com muita ternura e respeito quando perguntei: “Mas como exatamente eu começo a escrever um projeto?” Hoje, passados exatos 21 anos, ainda me lembro daquele olhar tão azul, tão gentil, e procuro reproduzi-lo nas dezenas de vezes que já ouvi em minha carreira acadêmica a seguinte pergunta: “Professora Andréa, me ensina a fazer um projeto?”

E assim, em 2004, nossa parceria no mestrado em Ciências Sociais teve início. Dentre os inúmeros motivos pelos quais eu sou grata por esse encontro, está a própria possibilidade de narrativas como as dos parágrafos anteriores: a Profa. Moraes (forma como sempre a chamei) me apresentou Wright Mills (1969) e me ensinou que o ofício de socióloga é artesanal; ainda que seja imprescindível o rigor científico e acadêmico, é irrefutável a existência de uma agente pensante, sensível, provida de camadas de marcadores que compõem sua identidade, sua forma de olhar o mundo e ser (ou não!) acolhida por ele. Ou seja, parágrafos como esses escritos não expõem fragilidades ou falta de objetividade científica. Pois a objetividade científica é feita das nuances entre as experiências (em seu sentido etimológico, do que “salta para fora do círculo”), mas também do exercício de encarar o íntimo, o que está dentro do círculo, as redes, laços e fios que compõem a subjetividade da cientista.

Sob esse prisma, nas falas dos entrevistados, em seus gestos e na maneira que me receberam ao longo de minha carreira científica e sob a orientação da Profa. Moraes, encontrei verdadeiras possibilidades de etnografia, da compreensão de seus papéis, das condutas que nos apresentam, das relações que mantêm com os Outros, mas também de um autoconhecimento imprescindível para a docente e pesquisadora que sou hoje. Constantemente, busquei traçar os laços existentes entre os dados demográficos, históricos e geográficos que eu levantava aos elementos subjetivos possibilitados pelas entrevistas e etnografia. Variados recursos metodológicos explicitaram ainda mais esses laços e evidências e possibilitaram a construção de novos fios nas redes dessas trajetórias (Vettorassi, 2018).

A Profa. Moraes, em recente entrevista concedida a Bruno César Pereira (2024), relembrou algo que ouvia de Heleieth Safiotti: não escolhemos os

objetos de pesquisa; são eles que nos escolhem. Moraes concorda em partes, pois enxerga mais uma via de mão dupla, na qual há também nossas escolhas em um processo contínuo, dúbio e cambiante. Moraes Silva foi uma menina criada em uma pequena cidade do interior paulista, na área rural. Ao longo de sua renomada carreira, pôde ouvir e registrar vozes dos campos marcadas por inúmeros silenciamentos, das intersecções de gênero, de raça, de migrações, dos postos de trabalho extintos, de vidas aniquiladas pelo agronegócio, da resignificação de seus ofícios.

Ao longo de meu mestrado com a Profa. Moraes, muitas vezes me perguntei: por que esse objeto me escolheu? Eu me sentia tão urbana! Quanto engano na compreensão dessa minha identidade também atravessada por uma *migração temporária permanente*, definição que a Profa. Moraes deu para as centenas de milhares de migrantes no interior de São Paulo trabalhando nas lavouras de cana-de-açúcar, aquelas que enchiam as ruas da fuligem que eu brincava pintando o chão quando criança. Eram rostos e vidas também invisíveis para mim, os quais eu pude conhecer melhor na pesquisa de mestrado, que tinha o objetivo de compreender a relação entre os “nativos”, como era eu, e os “de fora” no interior paulista. Um provérbio árabe me perseguiu durante toda a pesquisa. Ele dizia que “a árvore, quando está sendo cortada, observa com tristeza que o cabo do machado é de madeira”. Lá estava eu, árvore e cabo do machado, conhecendo aquela realidade que compunha minha terra natal, reconhecendo-me uma “nativa”, violentando corpos porque não os enxergava, não os conhecia, não os ouvia. E então, sob a orientação ativa, persistente e tão sensível da Profa. Moraes, eu fui ouvi-los.

A História Oral pode parecer limitada em um sentido mais restrito, mas envolve algo muito maior em outro, que se propõe interdisciplinar. Os limites levantados questionam os “problemas da memória”, suas possíveis falhas e distorções. Entretanto, o que é verdadeiro e falso em uma história, em uma trajetória? Até mesmo em resposta às perguntas mais “factuais” ou “informativas”, os entrevistados *narravam*, contavam histórias sobre suas vidas, reconstruíam seu passado de uma maneira seletiva que tanto o legitimava para mim quanto o dotava de sentido para o entrevistado. Tantas vezes a dúvida, o engano, a história contada mais de uma vez, o silêncio ou a lágrima me disseram muito mais que um dado numérico da abordagem quantitativa.

Por isso, a História Oral é uma efetiva história, mas deve ser lida de outra maneira. Pesquisadores estão cada vez mais conscientes de que a História Oral em si é tão significativa quanto o seu conteúdo, e não pode ser entendida apenas como uma complementação de informações. A História Oral é, afinal, uma

maneira de dar voz aos sem voz e capturar nesse momento todas as suas subjetividades e fatos mais marcantes. Essas subjetividades são o tear composto por fios de uma vida pessoal e de um contexto histórico específico, incluindo as das cientistas por trás da análise e interpretação.

Os Mapas Afetivos na História Oral

Não obstante todos os primeiros recursos necessários para minha formação como cientista, desde o apoio para a compreensão do que era, afinal de contas, um projeto científico e a construção de sua estrutura, a Profa. Moraes também me apresentou a diversas possibilidades de técnicas científicas, incluindo os denominados por ela como mapas afetivos, mas que também podem ser chamados, especialmente entre os geógrafos, de mapas mentais. Neste artigo, tenho como objetivo, não apenas com as falas de brasileiros imigrantes entrevistados em Lisboa, mas utilizando como recurso os mapas afetivos, demonstrar *como* se revelam as lembranças dos entrevistados e de que forma elas são transportadas para o papel, especialmente no que tange à vivência da pandemia da COVID-19, nos anos de 2020 e 2021, em outro país. Como, em suas lembranças, são narradas as condições de trabalho, os tempos e espaços vividos durante a pandemia? Os desenhos feitos pelos entrevistados de suas trajetórias, lugares vividos e tempos experimentados captam simbologias de suas vivências nem sempre perceptíveis em suas falas.

A pesquisa ora apresentada utilizou os métodos descritivo e comparativo. Ela tem abordagem mista (qualitativa e quantitativa) e considerou variáveis que permitiram analisar as relações de trabalho, relações espaciais e temporais, saúde mental e condições de vida e trabalho durante a pandemia. As técnicas foram diversas, desde a realização de um inquérito por questionário, entrevistas abertas e semiestruturadas, etnografia digital em grupos formados por brasileiros em Portugal nas redes sociais Facebook e Instagram e, finalmente, a aplicação de mapas afetivos, os desenhos feitos pelos imigrantes brasileiros em Portugal, ferramenta metodológica que será analisada neste artigo em específico, que é o recorte de uma pesquisa mais ampla e de múltiplos objetivos.

Na insipiência das descobertas das possibilidades de reflexão sociológica dessa nova técnica de pesquisa para a área, procurei compreender melhor a perspectiva de dois excepcionais trabalhos nos campos da psicologia e psicanálise, que estão correlacionados: os dos psiquiatras Carl Gustav Jung e Nise da Silveira (2001), que acreditavam que os desenhos e pinturas de seus pacientes representavam a totalidade de um Self compartilhado. As imagens revelavam o

interior dos indivíduos que as produziam, e a análise dessas imagens trazia à luz dimensões e mistérios dos processos do inconsciente.

De acordo com Menezes (2007), um psiquiatra junguiano, a humanidade é composta de muitos seres e cada um é a expressão de muitos aspectos humanos. É uma perspectiva psicológica que podemos chamar de “arquetípica”. O termo, do grego *arche*, padrão, foi usado por Platão e trazido por Jung para a psicologia, de onde se espalhou para a mitologia e literatura, assumindo até mesmo, na contemporaneidade, um emprego poético. De acordo com a perspectiva arquetípica, para estudarmos a natureza humana, precisamos antes de qualquer coisa verificar sua mitologia, sua religião, a arte, a arquitetura dos espaços públicos e privados, os rituais etc. Enfim, os *archai* estão representados nos padrões de comportamento social.

Passada a etapa de incursão aos estudos de psicologia e psicanálise, a Profa. Moraes me apresentou leituras sobre memória numa perspectiva histórica e social. Autores como Ecléa Bosi (1987), Michael Pollak (1989), Maurice Halbwachs (1990) e Pierre Nora (1992) se fizeram presentes para a compreensão de que as memórias são sempre coletivas porque, em realidade, nunca estamos sós. Nossas ideias, pensamentos, lembranças e valores sempre têm uma perspectiva, uma relação com as experiências que obtivemos em contato com os Outros. Somos um eco. Identificamo-nos com o pensamento dos outros, como se “já tivéssemos pensado nisso antes”. As nossas opiniões e sentimentos são muitas vezes a expressão dos acasos que nos colocaram em relação com grupos diversos ou opostos e as influências que estes têm, separadamente, exercido sobre nós. Quando cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. Por isso, as lembranças surgem de acordo com os elementos transmitidos por outras pessoas que também viveram aquele momento: “Nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (Halbwachs, 1990: 36). Ademais, é interessante notar que há na lembrança uma relação com os nossos interesses. Afinal, apenas nos lembramos daquilo que nos interessa lembrar.

A memória coletiva tem força e duração porque tem por suporte um conjunto de homens, mulheres e crianças. No entanto, esses homens, mulheres e crianças são indivíduos, que se lembram enquanto membros do grupo. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Os mapas afetivos revelam quais são as memórias mais presentes nos entrevistados e, além disso, revelam que pouquíssimos são aqueles desenhos que retratam o tempo presente. Os espaços e os tempos são apresentados das formas mais diversas. Porém, em geral, é o tempo passado o mais ilustrado. As relações com o

“lado de fora” são também diferentes. Muitas são as casas e os elementos subjetivos, mas também muitos são os espaços societários, as instituições. De acordo com Moraes Silva (2008: 128):

[...] o desenho lida com os elementos do espaço e também dos tempos - passado, presente e futuro. Há uma simbiose entre os tempos, entre a observação (presente), a memória (passado) e a imaginação (futuro). No ato de desenhar, estão várias manifestações mentais, como imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, representar.

Os mapas afetivos, assim como os depoimentos daqueles que os constroem, recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros. São reflexos de uma memória subterrânea, representante de culturas minoritárias e dominadas e que se opõem à “memória oficial” (Pollak, 1989). São nos espaços e nos lugares por eles representados que a tradição se estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, a coesão e a integração são reproduzidas entre os grupos “de fora”. Afinal, nenhuma população se deixa deslocar sem resistência, sem levar consigo parte do que entende por *seu* grupo: esses são os elos que mantêm vivas as redes sociais dos migrantes. É por isso significativo observar que as redes sociais diversas entre os grupos das cidades também estão presentes nos elementos subjetivos dos mapas afetivos, e as crianças não estão ausentes desse processo. Ou elas estão nos locais de origem ou elas partem com suas respectivas famílias. De acordo com Moraes Silva (2018), a questão investigativa é permitir que essas vozes, ainda que segregadas, cheguem à superfície. Por isso, os elementos dos mapas afetivos e seus significados entre as crianças de famílias migrantes foi ferramenta importante nas incursões teóricas da Profa. Moraes (2018: 35):

Uma primeira análise dos desenhos pode indicar alguns pontos: a cor preta, em vez da utilização de outras cores, revela o aspecto sombrio das cenas e do cenário onde atuam os migrantes. A natureza (sol, lua, nuvens, pássaros, borboletas), geralmente presente nos desenhos infantis, aqui está ausente. Num desenho, os ‘olhos do sol’ são tristes, parecem chorar. A cana não representa a natureza, ela é a planta capital. O fato das canas estarem ao lado dos barracos é um indicador da realidade dos trabalhadores, pois suas moradias se situam, ou no interior dos canaviais (os alojamentos), ou nas periferias das cidades pequenas da região, cercadas pelos canaviais. O ônibus tem um significado muito forte, pois é o meio de transporte que conduz

os trabalhadores até os locais de trabalho. Também, é por meio dele que as crianças assistem à partida de seus parentes para uma viagem cuja duração é em torno de oito a nove meses ao ano. Talvez, seja esta a razão deles ocuparem boa parte do espaço da folha de papel. Em outros desenhos, nota-se também que as canas estão desenhadas ao lado de suas próprias casas, portanto no mesmo espaço.

A Profa. Moraes utiliza o conceito de “estruturas de sentimentos” para refletir sobre uma sociologia das emoções e nas imaginações inter-relacionadas dos pensamentos. Sob a perspectiva dos arquétipos, realidade é qualquer elemento que funciona para a vida psíquica. Assim, imaginação é também realidade. A imagem é um conceito ligado ao arquétipo, e imaginar não é igual a devaneio, a “sonhar acordado”. Imaginar é aceitar a visita da imagem de acordo com aqueles elementos incorporados de sua sociedade, de seus grupos, da sequência de imagens que, em retrospectiva, podem ser a “imagem arquetípica” de situações novas ou velhas situações com novos valores. “O subjetivo também é real e, para além do subjetivo, o símbolo é real. Mesmo que só possa ser percebido por suas manifestações imagéticas” (Menezes, 2007: 110).

Passados 20 anos desde as primeiras incursões em torno dessa até então nova ferramenta metodológica que a Profa. Moraes denominou de mapas afetivos, significativas publicações nas áreas da geografia, psicologia, história e até mesmo na construção de políticas públicas demonstram as inúmeras possibilidades de análise que os desenhos são capazes de proporcionar. Ciasca (2018: 207) demonstrou que mapas afetivos podem atingir camadas de percepção de hábitos culturais de uma população que contempla a complexidade envolvida no diagnóstico desses hábitos, podendo, inclusive, proporcionar diagnóstico propositivo para a construção de políticas públicas.

O objetivo deste trabalho, então, é, lançando mão de pesquisas teóricas, analisar e cruzar dados de indicadores quantitativos já levantados, buscando no conceito de mapas afetivos uma alternativa para levantamento, também de forma qualitativa, de hábitos culturais de certo recorte da população da cidade de São Paulo e, assim, apresentar possibilidades aplicáveis de usos dessas plataformas a fim de aprofundar a abordagem e diagnóstico das práticas culturais de nossa sociedade, principalmente para embasamento no momento de se propor nova ou avaliar determinada política pública de cultura (Ciasca, 2018: 208).

A diferença entre os indicadores objetivos e subjetivos é que o primeiro deles é trabalhado como classificação de eventos objetivos e dados empíricos construídos com base em estatísticas públicas; já o segundo se refere a medidas estabelecidas por meio da análise e reflexão dos agentes ou especialistas em torno de aspectos da sociedade. Ademais, os indicadores objetivos são considerados quantitativos e os subjetivos considerados qualitativos. Os mapas afetivos, então, são um elo criativo e simbólico capaz de captar, ainda mais que os indicadores objetivos, os hábitos culturais de determinada população, seus vínculos afetivos, seus lugares de memória, os espaços e tempos vividos e, consequentemente, de forma muito mais eficaz, alternativas para mitigar desafios dos espaços públicos mediante políticas específicas.

Augusto, Feitosa e Bonfim (2016), por sua vez, utilizam a atuação do psicólogo para a compreensão da territorialização como um processo contínuo capaz de revelar as potencialidades e vulnerabilidades de uma comunidade para a construção de intervenções que façam sentido para ela. Nesses espaços de vida, estão alinhados os espaços físicos e a identidade, em que os diversos poderes atuam e interesses e forças sociais convergem e conflitam. O processo de territorialização contribui no mapeamento de riscos e potencialidades, bem como pondo luz à relação dialética agente-ambiente. Nesse processo, o território é visto não somente como o palco da vida, mas como construção simbólica, cultural e afetiva, tecendo subjetividades. “O mapa afetivo pretende ser um instrumento de avaliação e de intervenção nos ambientes micro e macrosociais, que envolve as dimensões tanto da construção de significados como do que é considerado físico” (Augusto, Feitosa e Bonfim, 2016: 155).

Uma contribuição relevante dos autores é a da conceituação de “estima de lugar” captada pelos mapas afetivos, que seria uma categoria ambiental e socialmente construída, a qual aponta para os afetos avaliados pelos agentes em relação ao ambiente. É uma forma específica de conhecimento, permeada pelo significado ambiental das emoções e sentimentos em torno de um ambiente construído. Como categoria social, a “estima de lugar” pode ser compreendida como uma forma de pensamento social paralela a outros sistemas simbólicos do espaço que passam pela categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar. A estima de um lugar pode, então, ser composta por imagens de pertencimento, mas também de insegurança e destruição:

Cabe ressaltar que a imagem de contrastes é transversal às demais, podendo estar presente tanto na qualificação potencializadora como despotencializadora da Estima [...] Significa dizer que mesmo o sujeito destacando

aspectos desagradáveis do ambiente, os pontos potencializadores podem se sobrepor e fomentar o cuidado e o amor pelo lugar, assim como o oposto também pode ser verdadeiro e o sujeito sinta-se desvinculado do ambiente por considerá-lo despoticizador (Augusto, Feitosa e Bonfim, 2016: 151).

Nas falas e desenhos dos entrevistados, muitos são os *lugares da memória* preservados em suas lembranças. De acordo com Nora (1992), lugares da memória são os patrimônios arquitetônicos, os monumentos e seus estilos, que nos acompanham por toda a vida. Os lugares da memória são também a estima de um lugar, as tradições e costumes, as regras de interação, o folclore, a música e até mesmo as tradições culinárias. Ou seja, são os diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que se inserem na memória da coletividade a que pertencemos, de forma potencializadora ou ainda, não raramente, despoticizadora.

Os mapas afetivos evidenciam com ainda mais intensidade os lugares da memória daqueles que os constroem. Há uma ligação muito estreita entre memória e sentimento de identidade. Identidade no sentido da imagem de si, para si e para os outros.

Ninguém pode construir uma imagem de si isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros [...] Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (Pollak, 1989: 204).

Já que a memória e a identidade são avaliadas pelo Outro, elas podem ser disputadas em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente conflitos que opõem grupos políticos diversos. Esses grupos diversos se destacam nos mapas, que só poderiam ser *afetivos* porque revelam as marcas que mais afetam e afetaram a vida dos depoentes que os construíram. A memória é seletiva e tem uma base espacial (Halbwachs, 1990). Ou seja, o tempo rememorado é construído de acordo com os espaços, que são singulares para cada indivíduo e revelados nos mapas afetivos. A casa, a rua, as plantas, o multicolorido ou o monocromático são as essências imediatas das pessoas e dos grupos a que elas pertencem, como veremos na seção seguinte, ao analisar os mapas afetivos de imigrantes brasileiros em Portugal.

Os mapas afetivos e os imigrantes brasileiros em Portugal

Os estudos migratórios permaneceram em minha trajetória acadêmica sob múltiplos prismas. Contudo, mais recentemente, em 2021, tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa em nível de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa sobre brasileiros em Portugal, sob a supervisão da Profa. Dra. Dulce Pimentel. O número de brasileiros com autorização de residência em Portugal aumentou 43% em apenas um ano. Em 2018, eram 105.423 e, em 2019, o seu número passou para 151.384, representando um quarto da população estrangeira no país (SEF, 2022). Em 2021, o número de brasileiros com autorização de residência em Portugal era de 204.694, representando 29% da população estrangeira no país (SEF, 2022). As restrições impostas pela pandemia Covid-19 não impediram que se registrasse um aumento de 35% do *stock face* a 2019, na continuidade do aumento observado no ano anterior (43% entre 2018 e 2019).

Nas últimas décadas, o perfil dos imigrantes brasileiros mudou significativamente². Se, no final do Século XX e começo do Século XXI, eram mais homens jovens em busca de trabalhos nos centros urbanos, agora há também muitas famílias com crianças, mulheres jovens, estudantes, trabalhadores agrícolas e aposentados. Portugal continua a ser o principal destino de imigrantes brasileiros na Europa, pois a língua e as redes estabelecidas há décadas facilitam a chegada e adaptação. São, no entanto, muitos os relatos de dificuldades encontradas no processo de imigração. Há também desilusão e arrependimento, pois as relações com o trabalho, as situações irregulares, os altos preços da habitação, o tratamento de outros brasileiros e a xenofobia de alguns portugueses muitas vezes levam esses imigrantes a condições de vida piores do que as que deixaram no Brasil, a despeito da maior segurança e melhores salários experimentados em Portugal (Malheiros, 2007; Padilla, 2015).

O contexto da COVID-19 evidenciou a maior vulnerabilidade daqueles que se encontram em condições de moradia inadequadas, embora estejam vivendo em países desenvolvidos, no momento em que um fluxo maior de imigrantes de diversos países busca reconstruir suas vidas na União Europeia motivados por situações como conflitos armados, crises político-econômicas, perseguição política, mudanças climáticas e, mais recentemente, crises econômicas e sanitárias no contexto da pandemia. Faz-se necessário observar a migração como tema de suma importância na contemporaneidade, sobretudo porque países

2 A literatura científica (Fernandes et al., 2021; Malheiros, 2007; Góis et al., 2009) identifica “vagas” (ou ondas) sucessivas de migração brasileira para Portugal, desde 1990. A última dessas ondas, a quarta, corresponde ao recente incremento do número de brasileiros, que praticamente duplicou entre 2016 e 2019.

como Portugal estão vivendo as consequências da pandemia em meio a uma crise migratória que acompanha toda a Europa desde meados de 2014³.

Na abordagem qualitativa da pesquisa, pude identificar aspectos importantes de vulnerabilidade, como os associados às construções de redes sociais e acesso a serviços e direitos. Dois brasileiros entrevistados relataram suas experiências após contraírem COVID-19 em Portugal. Adriano⁴, um brasileiro paulista branco de 26 anos, com ensino médio completo e prestando serviços em empresa de segurança, mencionou a seguinte situação vivenciada no trabalho em Lisboa:

O horário que eu fazia era da uma às nove. Logo, eu tinha que receber o subsídio noturno. Em nenhum mês, eu recebi isso. Foi o que ele combinou e não pagou. Durante a pandemia, foi pior. Eu fui pra casa porque estava com COVID, fazer esses trâmites todos. E aí, quando eu saí, ele [patrão] meio que não quis saber. E é certeza que eu peguei COVID no trabalho.

Vocês não pararam durante o isolamento?

Foi até a TV lá fazer matéria. Tinha empregado com COVID, tinha suspeita, e a empresa não tinha fechado. E foi nessa altura que eles começaram a fazer os testes, né? Então, aí eu fiz o teste e deu que eu estava com COVID. E eu peguei em março do ano passado, mais ou menos. [...] Foi um susto, todo mundo falando que isso mata, né? E assim, são dores insuportáveis. Não tem nada a ver com uma dor no corpo, uma gripe. Mas foi passando e eu fui ficando mais tranquilo.

Você recebeu alguma assistência de onde você estava?

Não, não. O cara [patrão] só me ligava, mas de resto nada.

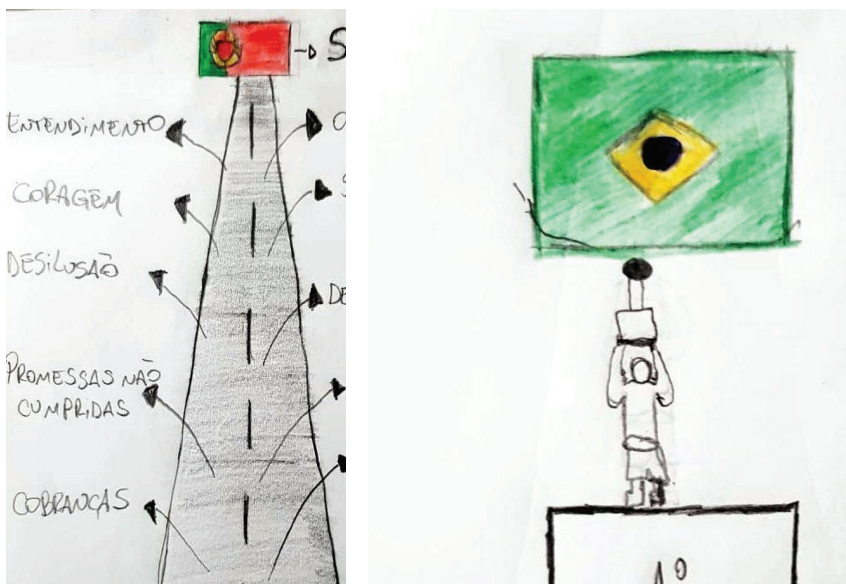
E durante a pandemia você perdeu esse emprego?

3 Em 2014, segundo a OIM (Organização Internacional da Migração), 283.532 migrantes irregulares entraram na União Europeia, sobretudo seguindo a rota do Mediterrâneo Central. 220.194 migrantes atravessaram fronteiras marítimas de toda a União Europeia (um aumento de 266% em relação a 2013). Metade deles tinha vindo da Síria, Eritreia e do Afeganistão. Em 2015, até o mês de setembro, a OIM afirmou que o número de imigrantes havia batido a marca de 350.000. Dados disponíveis em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-09/comissao-europeia-prepara-sistema-permanente-para-gestao-de-imigrantes>>. Acesso em: 24 abr. 2023

4 Nomes fictícios respeitando a privacidade dos entrevistados e as orientações do Conselho de Ética em Pesquisa das instituições envolvidas (Universidade Federal de Goiás e Universidade Nova de Lisboa). As entrevistas foram realizadas entre maio e julho de 2021 presencialmente na cidade de Lisboa e, no caso de Adriano, que já havia voltado para o Brasil, usando a plataforma virtual Google Meet.

Sim. Era uma empresa de segurança prestando serviços para outras empresas. Aí ele parou de prestar serviço na empresa que eu tava e eu fui mandado embora.

A relação com o trabalho é elemento fundamental para a compreensão das redes sociais entre os imigrantes (Menezes, 2002). Nesse sentido, há, de acordo com Bourdieu (1989), uma *dupla verdade do trabalho*, sendo uma relacionada à subjetividade e outra à objetividade do trabalho realizado pelos imigrantes. Bourdieu menciona que a verdade subjetiva está tanto mais afastada da verdade objetiva quanto maior é o domínio do trabalhador sobre seu trabalho. Além disso, o investimento no trabalho varia em razão inversa à coerção externa no trabalho. Tenho como hipótese que essas relações controversas do trabalho receberam novas dinâmicas e fatores durante a pandemia. A exposição à doença, a informalidade, o descaso dos superiores diante de uma infecção e a preocupação com a família trouxeram à tona vulnerabilidades e disputas fortemente associadas às verdades objetiva e subjetiva do trabalho, interrompendo, inclusive, o projeto de imigração. Após a experiência relatada, Adriano decidiu voltar para o Brasil depois de nove anos vivendo em Lisboa. Ele ilustra sua decisão em seu mapa afetivo:



Imagens 1 e 2: Mapas afetivos de Adriano – Portugal e Brasil, 14 de julho de 2021

Os projetos migratórios são fundados dentro de espaços sociais e contextos de vida nos quais os sujeitos se encontram inseridos. O conceito de *campo de possibilidades*, pensado por Elias (2005), auxilia na compreensão das formas pelas quais os planos de mobilidade de Adriano, assim como de muitos brasileiros, foram traçados em redes em sua trajetória de vida. O campo de possibilidade se refere às relações sociais equipotentes dos agentes com o mundo social, de maneira que não diz respeito apenas às dimensões sociais “palpáveis” do lugar, mas também espaços e situações em movimento, maleáveis, que fecham e abrem saídas, conectam e desconectam círculos. As redes e trocas materiais simbólicas podem diminuir ou aumentar, e o lugar de vida pode ser limitado às estruturas sociais locais ou, ainda, ter as fronteiras ampliadas. Adriano sentiu os compassos e descompassos de seus campos de possibilidade, sobretudo quando a pandemia escancarou vulnerabilidades. Mas ele tratou de reverter a situação, transformando medo, solidão, saudade, cobranças e decepções em coragem, sabedoria e entendimento para ressignificar a volta para o Brasil, julgando esse momento não como um fracasso pessoal, mas uma vitória, o primeiro lugar em um pódio solitário.

Carlos, um brasileiro catarinense preto de 32 anos, com ensino superior completo na área de gastronomia, relatou, assim como Adriano, situações irregulares no trabalho:

Eu não sabia que Portugal tinha todo esse problema com trabalho. Que os salários eram tão baixos. Que as pessoas trabalham, trabalham, trabalham e não conseguem juntar dinheiro. Pra mim, era como qualquer país da Europa que eu teria essa facilidade. Eu entrei num grupo muito grande como chefe pasteleiro. Eles têm uns 40 restaurantes aqui em Lisboa. O primeiro ano foi maravilhoso. Aí veio o lockdown. Fechou, ficamos 3 meses fechados. Voltei a trabalhar em julho do ano passado. Trabalhei com salário reduzido, mas com a mesma carga horária. Muita paciência e resiliência até outubro. Eu entendo o posicionamento do patrão. [...] Só que aí começam a mandar muita gente embora e começam a te usar. Beleza, bacana, bora pra cima. Tá precisando, eu não ligo. Vim aqui para trabalhar. Porém, chegou uma hora que [xingamento], eu tava fazendo coisa que não era mais da minha alçada. Eu estava atrasando meu serviço e chamavam a minha atenção. Eu me atrasei porque estava fazendo isso que nem é da minha área. A gota d’água foi quando me chamaram para cobrir férias de um menino. Eu fazia carga e descarga no trabalho, levava lixo, ajudava na louça. Não que esse não seja um trabalho digno. Eu comecei assim com 16 anos no Brasil. Mas tudo que

eu estudei, me preparei, para chegar onde eu cheguei e depois disso tudo ter que descarregar caminhão, levar lixo? Já é um pouco demais. Pra mim, não deu. E isso estava acontecendo com algumas pessoas, principalmente com os africanos. Eles aceitam porque eles precisam. Eles não têm pra onde fugir muitas vezes. Muitos nem falam português. Aquilo já estava me dando gatilho. A gente tinha uma folga por semana e trabalhava 12 horas seguidas. Muita coisa errada na empresa e eu não aceitava isso. Não tenho a mínima ideia de onde peguei COVID, não dá pra saber. Mas eu pego muito o autocarro 735. Ele corta Lisboa inteira e está sempre muito lotado. Eu estava me deslocando para trabalhar, para compras e entregas, sempre trabalho. Fiquei praticamente 30 dias sem trabalhar e não entrou dinheiro nenhum. [...] Fiquei muito ansioso. Foi muito ruim, eu não melhorava. [...] Nos restaurantes, a gente passa muito apuro. Tenho um amigo que o copeiro do restaurante que ele trabalha está internado com COVID. Um ou outro fez teste, mas todo mundo tá trabalhando. O restaurante está aberto normalmente. Por isso que, por enquanto, eu não quero trabalhar pra ninguém nesse período. Até estar tudo bem, eu prefiro ser autônomo.

De acordo com Di Spirito (2023), a pandemia impactou negativamente as economias mundiais, e uma das mais importantes consequências foi o aumento da taxa de desemprego da população brasileira residente em Portugal. No entanto, especificamente em Lisboa, o número de brasileiros a serviço em estabelecimentos foi maior em 2020, durante a pandemia, quando comparado aos números do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social de Portugal do ano anterior, com exceção para o grupo de pessoas com menos de 25 anos. Ou seja, relatos de vulnerabilidade e exposição à doença como os presentes na entrevista de Carlos dizem respeito a condições de trabalho e precariedade extremamente comuns entre brasileiros em Portugal, sobretudo em



Imagem 3: Mapa afetivo de Carlos – Portugal e Brasil, 20 de julho de 2021

Lisboa, durante todo o ano de 2020 e os subsequentes. Em seu mapa afetivo, Carlos apresentou o seguinte desenho:

O mapa afetivo de Carlos elucida de forma muito simbólica nos desenhos não apenas como os espaços registrados são afetivos, mas também os tempos rememorados. Carlos viveu no Brasil até a vida adulta, mas não registrou esse período no mapa ao relatar sua rotina no país de origem. Preferiu rememorar seu tempo de infância, um domingo jogando bola com o pai e esperando o almoço de sua mãe. O mapa nos permite visualizar como sua percepção identitária de imigrante está relacionada à vida adulta, de responsabilidades, cobranças, trabalho e solidão. Nesse aspecto, entendemos que, à medida que o imigrante precisa operar com a realidade social de sua adaptação, ele também cria paulatinamente autorrepresentações em torno de ser imigrante e toda a simbologia por trás da decisão de imigrar: as condições de trabalho, o *status* de um adulto trabalhador. No mesmo sentido, outras narrativas sobre pertencimento, adaptação e afetividade sobre os lugares vividos em Lisboa nos revelam o duplo pertencimento explorado por Sayad (1998): são agentes entre dois lugares, entre dois tempos, duas sociedades, maneiras de ser, cultura, e a *elghorba* também se faz presente nas representações espaciais e temporais.

Na perspectiva da *elghorba*, de uma fronteira que também se faz presente nas relações espaciais e temporais, o mapa afetivo de Cláudia, uma brasileira mineira branca de 33 anos, traz referências não só de um tempo que não é mais vivido, mas do futuro, de um tempo que ela ainda não viveu. Cláudia tinha formação em psicologia no Brasil e ainda não havia conseguido exercer sua profissão em Portugal pelas limitações não só burocráticas, mas também simbólicas em torno da revalidação de um diploma em outro país que não o da formação acadêmica. Enquanto aguardava regularizar seu status profissional e buscar melhores condições de trabalho, exercia a profissão de faxineira em Lisboa há dois anos. Seu mapa afetivo revela angústias do passado e expectativas para o futuro:

Segundo Silva (2019), investigar os imaginários sobre espaços e tempos vividos é um desafio dentro das ciências sociais porque o imaginário não é apenas um conjunto de imagens, não é um álbum de fotografias mentais, nem um museu concreto de registros pausados da memória social ou individual. O imaginário é uma rede movediça, é etéreo de valores e passa por sensações tanto concretas quanto virtuais. “O imaginário opõe-se ao real à medida que representa esse real, formatando-o, distorcendo o e idealizando-o simbolicamente. O imaginário é um depósito de imagens, sentimentos, lembranças e experiências e, ao mesmo tempo, uma força que impulsiona a concretização da realidade” (Silva, 2019: 166).



Imagem 4: Mapa afetivo de Cláudia – Portugal e Brasil, 16 de junho De 2021

Cláudia desenhou primeiro Portugal e preferiu bem mais essa parte de seu mapa do que a que representa o Brasil, e a registrou, ainda que tendo começado por ela, ao lado direito do papel, indicando na linearidade do desenho que esse é seu futuro. Ela demonstrou apreço por espaços e pessoas que até então não havia experimentado no Brasil: múltiplas nacionalidades vividas e experimentadas em Lisboa, múltiplas paisagens turísticas, um contato com a natureza que não vivia em Belo Horizonte. Mas também ilustrou desejos do que ainda está por vir: trabalhar com a psicologia, pegar estrada e viajar. No Brasil, os espaços vividos são muito mais privativos: está em casa dormindo ou vendo TV. Cláudia ilustrou o “barzinho” como o único instrumento de lazer a seu dispor. Também se identificou em um *ethos* do trabalho, que precisou abdicar e ressentir para tirar proveito de outros elementos simbólicos de uma vida comunitária.

As cidades e seus lugares de memória são também frequentemente representados nos mapas afetivos, bem como suas mazelas e os arranjos inventados para a sobrevivência, combinando o tradicional e a vanguarda, o moderno e o antigo, a periferia e o centro, o desconhecido e o rememorado. É possível identificar como as interações nos espaços públicos acomodam o sentimento de pertencimento dos agentes. Nos imigrantes, as experiências com os lugares da memória podem se apresentar de formas diferentes. “Assim, pertencer

não estaria diretamente relacionado ao tempo de residência, mas sim a uma sensação de encaixe na paisagem social composta por uma gama de pessoas diferentes” (Silva, 2019: 199). O mapa afetivo de Daniela, uma brasileira paranaense parda de 39 anos, demonstra os sentimentos de pertencimento e alteridade:



Imagem 5: Mapa afetivo de Daniela – Portugal e Brasil, 27 de julho de 2021

Daniela já vivia há 20 anos em Lisboa. Ainda assim, preferiu representar Portugal por meio de elementos simbólicos típicos de uma vida em trânsito, de uma turista passando alguns dias de passeio e lazer em uma cidade do cartão postal. Ela não se desenhou. Não desenhou seu trabalho. Não desenhou sua casa. Os símbolos nem sempre estão presentes em uma rotina de privações e árduo trabalho nas “restaurações”, ou seja, na vida de auxiliar de cozinha em restaurantes de luxo do Bairro Alto. É no Brasil que estão os elementos de uma subjetividade afetiva. Desenhou-se com sua mãe na casa materna. Desenhou árvores frutíferas e flores. Desenhou coração no ar e sol com um rosto feliz, antropomórfico, infantil.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória é ativa e psíquica, e não restitui um estado passado em sua total realidade porque seu ponto de apoio são as diferenças. Por isso, a memória relaciona todo o tempo o presente com o futuro. O presente é recontado de acordo com o momento passado: quanto pior for o tempo passado, melhor será a reconstrução do tempo presente, e vice-versa. Os mapas afetivos, assim como os depoimentos daqueles que os constroem,

recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das relações que mantêm com os Outros. São reflexos de uma memória subterrânea, representante de culturas minoritárias e dominadas e que se opõem à “memória oficial” (Pollak, 1989). São nos espaços e nos lugares por eles representados que a tradição se estabelece, pois, embora timidamente e com oscilações e características múltiplas, a coesão e a integração são reproduzidas entre os grupos imigrantes. Esses são os elos que mantêm vivas as redes sociais dos imigrantes. É por isso significativo observar como redes sociais diversas entre os grupos imigrantes ficam evidentes nos elementos subjetivos dos mapas afetivos.

Considerações finais

Ter sido orientada pela Profa. Moraes e viver múltiplas experiências de pesquisa de campo por meio de ferramentas como os mapas afetivos me proporcionou, fundamentalmente, a superação de um pensamento binário. Isso exige que os estudos sobre migração avancem na construção de uma abordagem teórico-metodológica sobre a mobilidade humana que, não restrita a cartografias e abordagens quantitativas como unidades de análise, possibilite a compreensão e a análise do movimento de agentes em espaços, tempos e memórias que, além de incorporarem as dimensões econômicas e políticas, adotem as dimensões da subjetividade humana. É nesse sentido que destaco como desafiadora a construção de modelos de análise que captem as múltiplas dimensões do vivido nas experiências de mobilidade humana, possibilitando compreender os imaginários, as relações culturais e simbólicas, as memórias, os afetos e as representações construídas pelos agentes sobre seus espaços e tempos.

Sob essa perspectiva, destaco que as análises sobre identidades, relações espaciais e temporais, memória, estima e emoções construíram argumentos e fundamentação teórica capazes de articular as interpretações dos desenhos às demais interpretações não só dos resultados de pesquisa apresentados neste artigo, mas de outros contextos de pesquisa em que os mapas afetivos foram aplicados como ferramenta metodológica. Por isso, os mapas são o ápice das dimensões subjetivas para a demonstração dos pontos de vista dos entrevistados e vão ao encontro dos outros elementos de uma pesquisa científica, já que são um achado adicional sobre o ponto de vista dos imigrantes referentes à dupla verdade do trabalho, suas redes sociais, construção de suas identidades, sujeição a vulnerabilidades, dentre outros elementos presentes em suas falas e desenhos.

Maria Moraes recentemente lançou um repositório digital chamado *Vozes e Memórias*⁵, o qual é composto por cerca de mil horas de entrevistas realizadas no período de 1983 a 2017. As narrativas são de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras rurais nas lavouras em São Paulo. A proposta desse espaço, como ressalta a Profa. Moraes em recente entrevista, “nasceu a partir de sua constatação de que, além do desaparecimento e da invisibilidade desses trabalhadores, assistimos um verdadeiro memoricídio” (2024: 3). Dentre as múltiplas violências que marcam os corpos desses trabalhadores migrantes, há também o próprio apagamento de suas existências, como se nada tivesse existido antes da mecanização de seus trabalhos. Ouso traçar um paralelo com a “angústia intelectual” que a Profa. Moraes compartilha conosco ao final da entrevista. Quais os destinos da Sociologia no país e no mundo hoje experimentados? O quanto também nossas vozes são silenciadas, denunciando a ordem das coisas, mas raramente ouvidas pelos agentes políticos, por exemplo?

Trajetórias acadêmicas como as da Profa. Moraes, além de admiráveis, são o próprio artesanato intelectual em prol de memórias coletivas, de equidade e justiça social. Ter sido sua aluna foi ter praticado nos meus primeiros percursos de pesquisadora esse “esporte de combate”, tal qual Bourdieu se referiu à Sociologia, a qual, felizmente, não é subserviente ao mundo tal qual o encontramos. É a possibilidade científica de refletir sobre mundos diferentes.

A utilização dos mapas afetivos enquanto recurso metodológico para “mundos diferentes” possibilitou a compreensão de espaços e tempos vividos à medida que as análises permitiram compreender a conexão da produção de sentidos ao contexto dentro do qual os fenômenos, os objetos, signos, símbolos e, fundamentalmente, os agentes estavam inscritos. A construção da imagem pelo imigrante surge em consequência de suas subjetividades espaciais e temporais, refletindo suas próprias interpretações sobre a sociedade e cultura em que estão inseridos. Os espaços e tempos, enquanto marcos em um sistema de referência, passam a produzir sentido somente quando são ocupados e vividos por agentes. É assim que os sentidos são produzidos, e é assim que também finalizo esse artigo: registrando que o senti muito, pois reviver uma trajetória acadêmica cheia de fios, contos e redes foi revisitar não apenas uma identidade acadêmica, mas uma identidade pessoal que a entrelaça.

5 Disponível em: <<https://www.vozesememorias.com.br/>>.

Referências

- AUGUSTO, Diego Menezes; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza e BONFIM, Zulmira Áurea Cruz. A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*. Londrina, v. 7, n. 1, 2016, pp. 145-158.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. v. 1. Série 1 – Estudos Brasileiros. São Paulo, Edusp, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CIASCA, K. Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo, n. 6, 2018, pp. 207-221.
- DI SPIRITO, Onofrio. Pandemia e imigrantes: brasileiros na área metropolitana de Lisboa. *Confluenze: Rivista Di Studi Iberoamericani*. Bologna, v. 15, n. 1, 2023, pp. 379-412.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Edições 70, 2005.
- FERNANDES, Duval; PEIXOTO, João e OLTRAMARI, Andrea Poletto. A Quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*. Ciudad de México, v. 15, n. 29, 2021, pp. 34-63.
- GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos, PADILLA, Beatriz e PEIXOTO, João. Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações*. Lisboa, n. 5, 2009, pp. 111-133.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- MALHEIROS, Jorge (Org.). *A Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, 2007.
- MENEZES, Frederico Lucena. Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA et al. (Orgs). *Migração e Identidade*. São Paulo, Editora Centauro, 2007, pp. 105-132.
- MENEZES, Marilda Aparecida. *Redes e Enredos na Trilha dos Migrantes: um estudo de famílias de camponeses migrantes*. Rio de Janeiro, Relume Dumará; João Pessoa, EDUFPA, 2002.
- MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida. A Família Tal como Ela é nos Desenhos de Crianças. In: *Revista Ruris*. Campinas, v. 1, n. 1, 2007, pp. 105-156.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida. Nas Cores dos Desenhos, as Travessias (Não Travessuras) das Crianças Maranhenses. *TRAVESSIA – Revista do Migrante*. São Paulo, n. 82, 2018, pp. 29-62.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida. Na contramão do memoricídio, “Vozes e Memórias” de vidas talhadas com as mãos: entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.

- [Entrevista cedida a] Bruno César Pereira. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, 16 maio 2024, pp. 1-18.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, 1992, pp. 7-28.
- PADILLA, Beatriz et al. A Imigração Brasileira em Portugal. In: PEIXOTO, João et al. (Org.). *Vagas Atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa, Mundos Sociais, 2015, pp. 89-108.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SEF – SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021*. Lisboa, SEF, 2022.
- SILVA, Adélia. Leitura etnogeográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles. Tese de Doutorado, Migrações, Universidade de Lisboa, 2019.
- SILVEIRA, Nise da et al. Quaternio: homenagem Nise da Silveira. *Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*. Botafogo, n. 8, 2001, pp. 88-105.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em Processos Migratórios. *Tempo Social*. São Paulo, v. 20, n. 1, 2008, pp. 199-218.
- VETTORASSI, Andréa. *Laços de Trabalho, Fios da Memória e Redes Migratórias*. Curitiba, Editora Appris, 2018.

Recebido em: 06 de maio de 2024

Aprovado em: 02 de julho de 2024

Como citar este artigo:

VETTORASSI, Andréa. Laços, Fios e Redes dos Mapas Afetivos: ferramentas teórico-metodológicas em estudo migratório. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-22, e141318, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1318>